

Quem nasceu primeiro: o ovo ou a galinha?

Uma faceta do ser humano na sua evolução desde que foi criado

Na busca da verdade,
cada um tem pouco ou nada para contribuir;
mas de todos se aproveita alguma coisa.

Parafrazeando Aristóteles, na *Metafísica* (Libro II, 993^b)¹

¹ “A investigação da verdade é, num sentido, difícil; mas, em outro, fácil. A prova de que qualquer um pode conseguir dignamente, nem errar completamente, mas cada um diz algo sobre a Natureza; individualmente, não é nada ou é pouco contribuindo para isso; mas todos juntos formam uma magnitude apreciável”. Aristóteles, 1998, p.84.

CONTRA CAPA

Estamos vivendo sob a égide de uma Ciência acéfala, que diz que essa pergunta não é científica. Isso acontece porque a Ciência atual não é mais questionadora, não se interessa pelos fatores causais, mas somente pelos efeitos, pela consequência. Por isso estamos caminhando sem meta, sem objetivo, sem ideal, sem questionamentos.

No entanto esta deveria ser a primeira pergunta a ser formulada pela Ciência e por todos nós, pois da sua resposta depende todo o conhecimento implantado no mundo. É chegada a hora de reformular esta pergunta sofisticada e aparentemente sem resposta.

A intenção deste livro é abrir a discussão a esse respeito. Uma imensa porta para o novo será aberta. Será que conseguiremos?

ORELHA

Geralmente as crianças têm a mania de perguntar sobre as coisas: o que é isso? O que é aquilo? Por quê? Por quê? E os adultos, por não conseguirem responder à altura, deixam questões sem respostas ou censuram a insistência infantil.

Somente por espanto e admiração somos atraídos ao mundo à nossa volta. E através das perguntas, desenvolvemos o pensar a respeito das coisas. Assim nasceram a Filosofia e a Ciência: a primeira questiona os fenômenos e a segunda demonstra como funciona. Qual o objetivo das duas? Entender o fenômeno, ter a ideia do que significa aquilo.

A pergunta “Quem nasceu primeiro: o ovo ou a galinha?” não faz parte do cardápio filosófico atual e muito menos do cardápio científico, porque perdemos o costume de perguntar sobre as coisas. Por isso o autor refaz a pergunta, cuja resposta abrirá nova porta do conhecimento humano.



Antonio José Marques, médico pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora – MG. Tem formação médica antroposófica em São Paulo, Suíça e Alemanha, é diretor clínico da Clínica Médica Vivenda Sant’Anna, em Juiz de Fora – MG, coordenador acadêmico do Curso de Formação em Medicina Antroposófica de Juiz de Fora, coordenador do estágio médico no Ambulatório das Práticas Integrativas e Complementares (APICs) do futuro Hospital Antroposófico de Matias Barbosa (HAMB) em Matias Barbosa – MG, representante desse curso na *Konferenz für Weiterbildung* (Conferência de Pós-Graduação) na Sessão Médica do Goetheanum (Suíça), autor de livros científicos e filosóficos. Membro da Academia Juizforana de Letras.

SUMÁRIO

Apresentação

Advertência

PRIMEIRA PARTE

A ciência dedutiva

Autor e pai do Universo

Teoria da evolução

Existe nervo motor?

Esse misterioso cérebro

A evolução da Humanidade

Reencarnação e Ressurreição

Doença, presente dos deuses

Vida depois da morte?

A alma humana

O Apocalipse

SEGUNDA PARTE

A resposta

Conclusão

BIBLIOGRAFIA

APRESENTAÇÃO

Não se faz mais esse tipo de pergunta nos dias atuais. Por quê? Simplesmente porque não mais questionamos o mundo em que vivemos. Não nos interessamos em saber de onde viemos e nem para onde vamos. Apenas vivemos (ou sobrevivemos); e queremos aproveitar tudo a que temos direito ou que pensamos ter direito, numa forma egoísta de ver o mundo, no superlativo do prazer, como se tudo girasse em volta do nosso umbigo.

Por que não mais se pergunta sobre as coisas?

Isso é reflexo da Ciência atual que impingiu o dogma: *O que eu posso saber? O que eu devo fazer? O que eu tenho direito de esperar?* Foi Immanuel Kant (1724-1804), na sua *Crítica da Razão Pura*², que estabeleceu o nosso limite do conhecimento entre as quatro paredes do sensório, naquilo que posso ver e pegar (na evidência); e a causa foi jogada no transcendente, no reino religioso (não nos interessa e não temos o direito de perscrutar). O saber científico, para ele, está atrelado à matemática e à física, sob a ótica mecânica de Isaac Newton (1643-1727), sem a interferência do Criador, que observou apenas a maçã que caiu pela ação da gravidade e não raciocinou como a maçã foi parar ali na ponta do galho, contra essa mesma lei física; por isso não chegou à ideia de como funciona a lei física. Assim também Kant amordaçou e engessou o pensar humano ao fenômeno externo, não às coisas em si. Por isso a Ciência não é mais questionadora, não tem interesse em conhecer as causas. Hoje a Ciência se baseia em evidências – somente na observação dos fenômenos.

Pode-se entender melhor isso com a famosa sentença de Aristóteles: “Homem, animal racional”. Essa sentença foi usada como dogma da Ciência, mostrando que o ser humano é um simples animal despido da sua realidade espiritual. Isso decorre do fato de que não raciocinamos mais sobre nada, pois como diz o pai da Ciência Moderna, Francis Bacon (1561-1626): “Nosso método, contudo, é tão fácil de ser apresentado quanto difícil de aplicar. Consiste em estabelecer os graus de certeza, determinar o alcance exato dos sentidos e rejeitar, na maior parte dos casos, o labor da mente”³ (grifos nossos). Ou seja, não se precisa nem mais raciocinar – só observar o fenômeno e ponto final.

Finalmente, como afirma o Prof. Dr. Latour, “a ciência atual é comercializável e vendável”, no seu livro *Science in Action* (Ciência em Ação): “Para determinar a objetividade ou subjetividade dessa alegação, a eficiência

² Kant, I. *Crítica da Razão Pura*. São Paulo, Nova Cultural, 1999.

³ Bacon F., 1979, p.5.

ou perfeição do mecanismo, não olhamos a qualidade *intrínseca*, mas toda a transformação que se processa a *posteriori*"⁴.

Basta. Então, estamos vivendo sob a égide de uma Ciência acéfala?

Sim e as evidências mostram que sim; e não nos damos conta disso. A triste constatação: será que *emburrecemos*? Se eu não posso pensar, alguém tem que pensar por mim, determinar o que posso saber, o que eu devo fazer e o que eu devo esperar? Como fica a Teoria do Conhecimento que, como o nome diz, tenta explicar e interpretar o conhecimento humano? Sim, ela faz referência objetiva do pensamento, na sua relação com os objetos. Mas como a Ciência atual, ao se fixar nos dogmas impostos por Kant (*O que eu posso conhecer?*), por Bacon (*eu não preciso ter o labor da mente*) e por Latour (*a ciência tem que ser vendável*) têm como premissa: "eu só posso conhecer o que a Ciência indutiva determina". Assim nasceu a *tecnologia do conhecimento*, para visar somente a produção tecnicista, por intermédio da qual é aplicada na nossa vida pela TV, rádio, jornal, internet, revista, moda, propaganda, cultura, educação, religião, ciência, ensino, medicina, comércio, modo de vida etc. Enfim: tudo na vida atual gira em torno desses três dogmas científicos impostos ao ser humano.

Corta.

Temos que resgatar urgentemente a Ciência humana e para isso temos que nos reportar à Teoria do Conhecimento e refazer a pergunta básica: *o que é o conhecimento?* Antes de continuar temos que responder à sentença aristotélica acima. Isso é compreendido assim: o gênero *homem* se liga a espécie *animal*, com a qualidade do que é mais elevado em si, a sua *razão* (ou seu *espírito*). Como o caráter animal corresponde aos seres animados, ou seja, possuidores de uma *alma* (ou *psykhé*), pode-se traduzir assim aquele preceito: *homem, possuidor de um corpo, de uma alma e de um espírito*.

Agora sim, podemos continuar com este livro, pois a intenção é abrir a porta afunilada e *microscopada* pela Ciência atual que se fixa na observação (evidência). Temos que nos interessar pelo fenômeno do conhecimento; ou seja, como se processa o conhecer dentro do ser humano? Teremos que voltar atrás e recorrer aos antigos para entender o que aconteceu com a evolução do pensar humano, no sentido de *desengessar* e destravar o conhecimento. Isso será importante, não só para responder à pergunta deste livro, como também para poder abrir uma imensa porta para o novo (ou melhor, para coisas antigas que foram fechadas pela Ciência *emburrecedora*), como se verá.

Este livro quer mostrar como a Ciência será renovada, arejada, revitalizada, ao se entender o ser humano como ele realmente é: um ser humano. Assim a sociedade será agradecida pelo progresso da Ciência.

⁴ Latour B., 1987, p.258.

ADVERTÊNCIA

“O ser humano só conhece a si mesmo
na medida em que conhece o mundo.”⁵

Goethe

Como ressalva às mentes recalcitrantes e tecnicistas, aqueles que ficam fascinados pela materialidade, coitados, se fixam no vazio, pois, como se sabe, impera o vazio dentro do átomo. Ao se comprimir a matéria, não sobra quase nada. O elétron e o núcleo não possuem massa, apenas movimento, na linguagem dual da onda-partícula da mecânica ondulatória. Assim a tese de doutorado de Louis de Broglie⁶, em 1924, deu sentido novo à valsa quântica. Do que era fixo e determinado na hipótese de Laplace⁷, passou-se a conviver hoje com o Princípio de Incerteza e os Testes de Probabilidade. Reerguem-se as velhas doutrinas: pitagórica, da Música das Esferas, kepleriana, do Universo por meio dos cinco corpos platônicos, aristotélico, do Universo finito e do *movimento eterno*. Estas ressurgem mais do que modernas. Até Copérnico⁸ buscou os conhecimentos pitagóricos e platônicos para refutar o *equante* e ressuscitar a doutrina do *fogo central* (modelo heliocêntrico de Aristarco⁹ dezoito séculos antes de Copérnico). O mesmo pode-se dizer do grande Kepler¹⁰, que descrevia o modelo de Copérnico, ou seja, previa as distâncias entre os planetas com uma acurácia de aproximadamente cinco por cento, a partir de uma metodologia científica genuinamente dedutiva. Deduziu ele que somente por meio dos cinco *corpos platônicos*, por serem os únicos sólidos regulares que podem ser construídos em três dimensões, poder-se-ia demonstrar o modelo geométrico do Universo. E assim o fez. Inclusive a

⁵ Goethe, Johann W. v., 2012, p.102.

⁶ Louis de Broglie (1892-1987), físico francês conhecido por ter contribuído para a Teoria da mecânica quântica.

⁷ Pierre Simon Laplace (1749-1827), matemático, astrônomo e físico francês.

⁸ Nicolau Copérnico (1473-1543), astrônomo, matemático, jurista, médico e cônego polonês que desenvolveu a teoria heliocêntrica do Sistema Solar.

⁹ Aristarco de Samos (230 a.C), astrônomo e matemático grego.

¹⁰ Johannes Kepler (1571-1630), astrônomo e matemático alemão.

Astrofísica moderna postula que a nossa Terra é composta das mesmas substâncias que compõem o Universo e que este é o único planeta habitável dentro desse mundão de Deus. Isso é devido à nossa privilegiada situação de estar a uma distância certa do astro-rei, o sol. Nenhum outro planeta preenche esse pré-requisito vital. Essa afirmação vem ao encontro da Física aristotélica: a Terra é o único planeta habitável e o centro do Universo. A periferia cósmica, com suas galáxias monumentais, nebulosas fantásticas, buracos negros abissais, é a morada dos deuses, das hierarquias espirituais.

Mesmo a Física Quântica, cujos primórdios remontam ao início do século XX, com Einstein¹¹, Niels Bohr¹², Max Planck¹³ e outros, em que a essência do universo é a consciência, nas condições de não localidade, do papel do observador na concretização da realidade, na descontinuidade (em oposição à continuidade newtoniana), do princípio da incerteza de Heisenberg¹⁴ (1927) derrubando o determinismo newtoniano como também o dualismo matéria–espírito, soergueu-se a Ciência atual, mas não respondeu a essa pergunta. Mesmo Fritjof Capra¹⁵, Stephen Hawking¹⁶, Eben Alexander¹⁷ e tantos outros expoentes da modernidade, não adentraram no reino das causas.

Do *homo sapiens*, nos aprofundamos na matéria e fizemos surgir o *homo artificialis*. Será que conseguiremos descobrir o *homo spiritus* nesse emaranhado?

¹¹ Albert Einstein (1879-1955), físico alemão.

¹² Niels Henrick David Bohr (1885-1962), físico dinamarquês, cujos trabalhos contribuíram para compreensão da estrutura atômica e da física quântica.

¹³ Max Karl ErnstLudwig Planck (1858-1947), físico alemão, considerado pai da física quântica.

¹⁴ Werner Karl Heisenberg (1901-1976), físico alemão – Nobel 1932: criação mecânica quântica.

¹⁵ Fritjof Capra (1939), físico teórico e escritor austríaco - desenvolve trabalho educativo ambiental.

¹⁶ Stephen William Hawking (1942), físico teórico e cosmólogo britânico.

¹⁷ Eben Alexander (1953), neurocirurgião e escritor norte-americano.

PRIMEIRA PARTE

A CIÊNCIA DEDUTIVA

A Ciência atual se divorciou da *scientia* (saber) e tornou-se *potentia*, ou seja, interessa-se apenas pela aplicação prática dos conhecimentos e o domínio da natureza. Nesse sentido ela abraçou o dualismo platônico – baconiano – kantiano, o qual rasgou a realidade em duas esferas: o mundo sensorial e mundo imaterial (ou ideal). Laplace, Newton, Galileu¹⁸, Descartes, Bacon, entre outros, explicaram os fenômenos naturais apenas como manifestações mecânicas. E hoje a Ciência apenas se interessa pela produção material, para ser vendável (tem que ter lucro), como visto. Até a Psicologia não aceita mais a *psique* (*alma*), pois a vida orgânica se restringiu à manifestação química. Seria como se admirássemos as disposições das pedras de uma catedral e não nos interessássemos pela ideia do arquiteto e nem pelo estilo da época...

Por isso se julga que pela experiência do mundo se é incapaz de chegar à verdade objetiva, pois esta apenas forneceria uma visão aproximada do fenômeno (por isso os testes de probabilidade e de matemática). Não resta dúvida de que se deve agradecer pelas conquistas *tecnológicas* em todos os ramos do conhecimento humano. Mas isso só mostra a visão indutiva sobre a natureza, quando se aborda o reino inorgânico (a Física, a Química). O elemento complicador é quando se tenta abordar o organismo vivo com os mesmos argumentos que se usam para o mundo inorgânico. Ocorrem verdadeiras aberrações de julgamentos e distorções de conceitos. Daí os erros cruciais em Ciência – e por isso Pascal¹⁹ declara que a maioria dos nossos erros decorre de raciocínios bem estruturados baseados em fatos mal observados. No entanto, como se disse, atualmente nem mais raciocinamos e muito mal observamos os fenômenos. Esses conceitos mal enjambrados são repassados como dogmas para a sociedade, para as escolas e profissões em geral – não são contestados, por causa do medo de não se encontrar um modelo ideal que caiba no intelecto. Mas no fundo, o motivo é bem outro: existem grandes interesses por trás de tais conceitos para que a situação fique calamitosa (sociedade acéfala), para que os privilegiados salvadores da pátria (políticos, cientistas, endinheirados) possam se locupletar às custas da desgraça de todos.

Aristóteles já apontava que a Ciência deveria ser potencialmente dedutiva. Isso significa que se deve partir do geral, do universal, do todo, para

¹⁸ Galileu Galilei (1564-1642), físico, matemático, astrônomo e filósofo italiano.

¹⁹ Blaise Pascal (1623-1662), físico, matemático e filósofo francês.

chegar ao particular, ao detalhe. Parte-se do gênero para chegar à espécie. Se todas as premissas são verdadeiras, a conclusão deve ser verdadeira. Esta serve para explicar o conteúdo das premissas. Isso porque elas carregam os dados mais importantes e a conclusão é mera formalidade. Ou seja, toda a informação necessária contida na conclusão já estava, implicitamente, nas premissas. Para isso, Aristóteles utiliza o *silogismo* (*syllogismós*) que, em grego, significa raciocínio. E o que visa a Ciência Dedutiva? Justamente resgatar a visão global sobre a natureza, o Universo, os seres vivos. Nesse sentido é preciso desenvolver a Ciência voltada aos interesses humanos, com sua aplicabilidade dentro do contexto humano. A *Ciência dedutiva* se apresenta como o caminho científico novo, apesar de ser a mais antiga; é a mãe da *ciência indutiva* (da ciência tecnológica); e esta é a filha jovem, bonita, vistosa e vendável.

O método indutivo da Ciência tecnológica atual, desenvolvido por Bacon, como visto atrás, não tem muito a ver com as estruturas complexas vivas, mas é muito importante para o desenvolvimento da técnica, a qual serve de base para entender o mundo inorgânico. E o essencial no mundo inorgânico pertence ao mundo sensorial: se uma bola de bilhar é impulsionada com certa força e ângulo pré-determinado, pode-se estudar e saber com antecedência quais serão sua direção e velocidade. Pode-se compreender o fenômeno por *conceitos* que se tem da matéria: massa, direção, força, velocidade. Isso pertence a uma necessidade física, dentro do mundo dos fenômenos inorgânicos que se apresentam aos sentidos. O fenômeno deve aparecer como consequência necessária dos conceitos antes formulados. Pode-se dizer que, antes de realizar a experiência, já se tem dentro do pensamento (a *ideia*) o que vai ocorrer com a bola de bilhar. Assim faz o jogador ao *idealizar* a trajetória da bola. Portanto, no mundo inorgânico, conceito e fenômeno são congruentes, isto é, não há nada fora do conceito e no fenômeno que não seja explicado pelos fatos em si. Eles se bastam por si: causa e efeito pertencem ao mundo sensorial e não há necessidade de transcendê-los. Desse modo, a *ideia* já possui o conceito, que se coaduna com o que vai acontecer em realidade ali na mesa de bilhar ou na pesquisa científica tecnicista indutiva.

O mesmo não ocorre no mundo orgânico (organismo complexo vivo), pois quando se observa um objeto, sabe-se que o seu tamanho, a sua forma, a sua cor, o seu crescimento não dependem diretamente dos fatores da mesma espécie. Não vai ser a forma da raiz que irá determinar a forma da folha, mas algo que está por trás dos objetos, que não é perceptível aos sentidos, é que determinará a sua característica, como a forma substancial (ou o *modelo* segundo Aristóteles) que imprime na matéria o seu selo (como o carimbo na cera quente). A isso Goethe denominou de “o tipo”. E isso vai além do que imprime a genética com seu DNA, conforme já demonstraram as experiências de Spemann e outros²⁰. No mundo orgânico não basta somente a percepção

²⁰Nos experimentos de Spemann, Driesch, Hadorn e outros, um ovo fecundado de salamandra ou estágio posterior (na gastrulação) é cortado medianamente. No final, não se obtêm duas

sensorial, somente a constatação do fenômeno observado (a evidência); é preciso transcendê-la, é preciso ter a separação entre percepção e conceito. Os dois não são congruentes, porque pertencem a âmbitos diferentes.

Enquanto no mundo inorgânico conceito e fenômeno fazem parte de uma *unidade*, pois se pode formulá-los no pensamento (a *ideia*), no mundo orgânico, conceito e realidade pertencem a esferas distintas: o objeto palpável não é explicado por si, porque o seu conceito não é tirado dele mesmo, mas de algo de fora dele, que Goethe denomina de *ideel* (pode ser entendido não simplesmente como *ideia*, mas como o verbo *idear*, que é muito mais do que formar ideias, sendo uma *realidade pensamental* com conteúdos próprios, que nasce dele mesmo e que não provém do mundo sensorial-físico). Para abordar essa nova faculdade de pesquisa do mundo orgânico como visto acima, Goethe denominou “juízo contemplativo” (*Anschauende Urteilskraft*)²¹ e Rudolf Steiner (1861-1925), fundador da Antroposofia, renomeou de “conhecimento intuitivo”: *conhecimento* tem a ver com o fenômeno em si (o mundo sensorial) e *intuitivo* com o conceito pensamental. Ou seja, pela via científica dedutiva consegue-se conjugar o atuar (produção tecnológica) com o questionar (caminho científico pensamental), como se verá adiante. Por isso Goethe afirmava que “um organismo (vivo) só pode ser compreendido através de um conceito intuitivo”²².

Repetindo: *conhecimento* tem a ver com o fenômeno em si, a partir da evidência, para a qual é necessário o estudo, a realização de experimentos e tem a ver com o raciocínio (ou intelecto); *intuitivo* tem a ver com o *idear* (que se pode dizer que é o *conceito* que se forma mentalmente ou a forma substancial aristotélica), que se descortina como realidade imaterial, que se manifesta na razão (ou no Eu ou espírito).

Portanto, no mundo inorgânico, impera a lei do *vis-a-tergo*, isto é, o movimento condicionado por uma força que vem de trás (pelas costas), na uniformidade entre conceito e fenômeno. Já no mundo orgânico, não impera essa lei, mas *o todo* (o *idear*) condiciona o *particular* a partir de si, na conformidade com sua *essência*. Goethe denominou de “entelêquia” e Aristóteles conceituou que a *entelêquia* visa a uma finalidade (à *causa final*) e pode-se melhor entender como uma força (*idear* ou conceito) que chama a si para comungar com o fenômeno; ao mesmo tempo em que o organismo se subordina a todas as condições exteriores, seja o clima, a alimentação, a genética, o DNA, o que mostra que ele pertence também ao mundo temporal-espacial. São duas realidades pertencentes a dois mundos distintos, mas que se entrelaçam, sendo que o *princípio entelêquico* adquire existência sensorial e chega a ser a própria manifestação exterior do organismo. Portanto,

metades de salamandras, mas dois embriões. Algo por trás do organismo regenera as partes perdidas e recompõe em dois animais.

²¹Goethe, 2012, p.85.

²²Apud Rudolf Steiner, *A obra científica de Goethe* (São Paulo, Associação Pedagógica Rudolf Steiner, 1980), p.10.

basicamente, são dois organismos que comungam da mesma manifestação sensorial. Fica assim esclarecido que a ideia primordial de Goethe (seja da planta primordial – *Urpfanze* – ou do animal primordial) não é apenas um conceito intelectual ou uma força poético-artística, mas é o verdadeiro orgânico dentro do organismo, sem o qual este não o seria. É a psiquê (ou *alma*) que vive e se manifesta no organismo; nesse caso não se pode determinar onde termina o corpo e começa a *alma* (ou vice-versa), pois são duas realidades que comungam as mesmas manifestações orgânicas. Isto é o *monismo aristotélico* (as duas qualidades numa unidade). Pode-se entender também como Psico-Somática (a alma no corpo). À frente teremos um capítulo sobre a alma humana.

Se se for diferenciar a planta do animal, pode-se constatar que a vida do vegetal depende do metabolismo, da absorção da seiva e esta opera diferentemente próxima da raiz e na ponta do galho para alimentar flor e fruto. Uma seiva próxima da raiz ainda é bruta e, à medida que ascende, vai sendo purificada, subindo por uma “escala espiritual”, conforme fala Goethe. O vegetal depende também do meio externo, das influências do cosmo que o envolve. Portanto a vida vegetal se perde na exterioridade, porque inexistente um centro orgânico, enquanto que o animal apresenta um mundo fechado em si, um microcosmo, com um centro, onde os órgãos servem. A forma vegetal é a base da sua existência exterior, mas é plasmada de dentro, tanto que pode se repetir indefinidamente com a mesma forma. Um galho fincado no chão irá desabrochar e repetir o mesmo porte vegetal anterior. O mesmo não se pode dizer do animal, porque ele é plasmado de fora, a partir da *enteléquia* (do *arquétipo*, do *tipo* animal, da *forma substancial*, do *espiritual*). Se este fosse plasmado apenas conforme a planta primordial, todos os animais seriam iguais, mas como ele é membrado (dividido, fracionado) em sistemas e órgãos, cada membro ou sistema pode especializar-se, para uma adaptação melhor ao mundo exterior e assim leva certas características bem diferentes de cada tipo animal: é o animal-coelho com orelhas compridas para ouvir de longe, é o animal-águia com seus potentes olhos para enxergar das alturas e suas pequenas presas, é o animal de casco para trotar, é o animal de garras para escavar. A partir disso, pode-se estudar a *luta pela existência*, com os mais bem dotados a enfrentar melhor o meio externo.

Finalmente, foi *Johann Wolfgang Von Goethe* (1749-1832), nos seus *Ensaio Científico*²³ que resgatou a Ciência dedutiva aristotélica e deu a conformação atual, como se verá no esquema abaixo. Ele afirma que: “não é suficiente, na observação da natureza, adotarmos procedimento analítico. (...) Precisamos também aplicar justamente essa análise às sínteses existentes, a fim de averiguar se afinal também procedemos corretamente, se executamos a

²³ Goethe, Johann Wolfgang von. *Ensaio Científico – Uma metodologia para o estudo da natureza*, Ad Verbum Editorial / Barany Editora, São Paulo, 2012 – introdução e apresentação deste autor e tradução de Jacira Cardoso.

tarefa seguindo o método adequado”²⁴. Qual deve ser esse método adequado citado por Goethe para estudar a natureza viva?

Para aprofundamento na Metodologia Científica Dedutiva Goethiana, a qual adentra o reino dos fenômenos orgânicos (dos seres vivos), devemos recorrer aos outros livros do autor: *Prática Médica Antroposófica* (Editora Antroposófica / Ad Verbum Editorial) e *Farmacologia Clínica* (Barany Editora), além do próprio livro sobre os *Ensaio Científicos* de Goethe, citado acima, com introdução e apresentação deste autor.

São três passos metodológicos dedutivos necessários para entender um fenômeno:

1º) Partir da observação do fenômeno, através dos órgãos físicos;

2º) Elaborar intelectualmente (*discernir, calcular, medir, pesar*, segundo Goethe) os dados do problema, ou seja: elaborar conceitualmente a imagem retida (na mente) de forma viva, numa forma de levantamento dos argumentos para se chegar à experiência de ordem superior, segundo Goethe.

3º) Realizar a mais importante de toda experiência: elaborar a ideia dos conteúdos (que ele denomina de *contemplation* ou *intuition* – *contemplação* ou *intuição*) para que esteja congruente com o fenômeno exterior; ou usando suas palavras: “permitir que a essência se manifeste”.

O esquema abaixo resume melhor:

Método Científico Dedutivo Goethiano		
<i>Observar</i>	<i>Discernir, calcular, medir, pesar</i>	<i>Descobrir, inventar, contemplar</i>
Órgãos físicos	Intelecto	Ideia
<i>corpo físico</i>	<i>psique (ou alma)</i>	<i>Eu (ou espírito)</i>

²⁴Goethe, 2012, p.113-114.

Conhecimento	Intuitivo
--------------	-----------

Portanto, com Goethe resgata-se o pensar humano, cuja existência havia sido suprimida com Bacon (não se precisa pensar). Precisa-se pensar sim, pois o pensar irá se servir de argumentos (através do raciocínio) para se chegar à ideia do fenômeno. Mas sempre devem ser dados três passos metodológicos: *observar*, *intelectualizar* e *idear* (e não ficar somente na observação – na evidência, a qual corresponde somente à fase vestibular da metodologia científica).

E por incrível que pareça os três passos metodológicos da Ciência dedutiva goethiana são realizados em muitas das nossas atividades, só que não prestamos atenção a esses detalhes, por causa dos dogmas científicos atuais (que suprimem o pensar). Por exemplo, o médico, ao observar um paciente, com sua história clínica (anamnese), começa a elaborar intelectualmente as hipóteses dedutivas das mais diversas patologias (*deduções mediatas* com vários argumentos) e, paralelamente, solicita os exames complementares para fechar as hipóteses indutivas, no sentido de captar a ideia da doença existente por atrás do quadro clínico. Outros exemplos: o engenheiro, ao observar um terreno, elabora intelectualmente possibilidades para concretizar a ideia do prédio. Assim também a cozinheira, ao observar na feira verduras e legumes, elabora intelectualmente a possibilidade da ideia da salada gostosa.

Portanto, a premissa científica básica é: “sem a noção de causalidade não há Ciência” (Aristóteles). Para isso é preciso conjugar a teoria com a prática (a dedução com a indução, respectivamente); só assim será possível, conseqüentemente, postular verdadeiras reformas na Ciência, para que esta frutifique novos fundamentos na Educação, no Direito, na Medicina, enfim, nas profissões em geral e na vida de todos nós. Ou seja, a finalidade de resgatar a Ciência, de volta para o seu verdadeiro caminho evolutivo, é revitalizar o organismo social, com nova *política* e nova *economia*, tendo como base o crescimento do ser humano. Assim, a sociedade humanizada estará agradecida pelo progresso da *Ciência*.